

S U U B

SEMINÁRIO URBANISTAS E  
URBANISMO NO BRASIL



urbanismos e  
nacionalismos

12 A 15 DE OUTUBRO DE 2022

## HOMENS CARANGUEJO, MANGUE E CIDADE

CRABS MAN, MANGROOVE AND CITY

**AZEVEDO TELES DE PAIVA, Maria Eduarda**

Mestranda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade da Bahia

duda.atp@hotmail.com



## Resumo em português

O presente trabalho especula a forma como as cidades são pensadas e construídas, pautado em acontecimentos marcantes para a construção histórica de um território em disputa. O recorte para essa análise parte da cidade do Recife, mais especificamente da relação particular entre mangue e cidade que se dá nesse território, tomando como entrada no tema a análise da “sociedade do mangue” de Josué de Castro nos anos 50, e no que sucedeu a mesma, o “movimento mangue”, que teve seu início nos anos 90, idealizado por Fred Zero Quatro e Chico Science, assim como, suas reverberações contemporâneas em projetos, intervenções, ações, produções artísticas e outros. A hipótese é que essas manifestações são relevantes como produtoras de territórios, fortalecendo narrativas que contrastam e desestabilizam o comum, a níveis materiais, subjetivos, biológicos e sociais. Busca-se dar densidade histórica a essa questão fazendo um atravessamento dessas manifestações com a questão de natureza e cidade, através da imagem do “homem caranguejo” e do “mangueboy/girl”, figuras importantes na criação de um senso identitário da cidade do Recife. A fim de trazer complexidade à reflexão da prática urbana em si, o estudo também fomenta um debate atento às disputas, às contradições e aos regimes de interação de corpos - visíveis ou não, animados ou não -, que se dão no território urbano, pautados no contraste, e não na oposição.

**Palavras-chave:** Mangue. Cidade. Caranguejo. Natureza. Cultura

## Abstract

The present work explore the way cities are thought and built, based on remarkable events for the historical construction of the territory. The clipping for this analysis starts from the city of Recife, more specifically from the particular relationship between mangroves and the city that takes place in this territory, taking as an entry point the analysis of the “mangrove society” of Josué de Castro in the 50s, and in the cultural manifestations that happend afterwards, the “mangrove movement”, which began in the 90s, thought by Fred Zero Quatro and Chico Science, as well as its contemporary reverberations in urban projects, urban interventions, artistic productions and others. The hypothesis is that these manifestations are relevant as producers of territories, strengthening narratives that contrast and destabilize the common, at material, subjective, biological and social levels. We also seek to give historical density to this issue by crossing these manifestations with the issue of nature and cities through the image of the “crab man” and the “mangueboy/girl”, which are important figures in the creation of a sense of identity for the city of Recife. In order to bring complexity to the reflection of urban practice itself, the study also encourages a debate attentive to disputes, contradictions and the regimes of interaction of bodies - visible or not, animated or not - that take place in the urban territory, based on in contrast, not in opposition.

**Keywords:** Mangroove. Crab. Nature. City. Culture



## HOMENS CARANGUEJO, MANGUE E CIDADE

Pequena introdução a leitura: a princípio, pretendo apenas fazer uma invocação dos acontecimentos que permeavam a época, afim de situar o leitor de onde falamos. O trabalho em si intenta em fomentar um debate atento aos contrastes e disputas que se dão no campo urbano da cidade do Recife, mais especificamente, na relação muito particular do mangue, com os rios – Capibaribe e Beberibe, com a cidade, e com o homem presentes tanto na “sociedade do mangue” de Josué de Castro, como no que o sucedeu, o “movimento mangue”, que teve seu ponta pé com Chico Science, Fred Zero Quatro, Nação Zumbi entre outros artistas que tensionavam as fronteiras de natureza e cultura. Tanto quanto, a atualização de como essa questão se reverbera atualmente em projetos urbanos, intervenções, ações, histórias, pessoas, livros, sonhos e outros indicadores tanto na construção do território material e subjetivo de cidade. Alimentar essa discussão no campo urbano, não deixa de ser uma questão nacional, afim de complexificar como essas questões estão sendo tratadas, considerando uma densidade histórica, que contribua para uma outra episteme de cidade – em específico, Recife – que considere a multiplicidade de atores intrincados – visíveis ou não, animados ou não. O desejo é que esse trabalho seja pneumatóforo, assim como as raízes do mangue, e sair da lama em busca de outros horizontes.

### **Invocação, utopias e acontecimentos**

"A cidade se encontra prostituída; por aqueles que a usaram em busca de saída; Ilusora de pessoas de outros lugares; A cidade e sua fama vai além dos mares; No meio da esperteza internacional; A cidade até que não está tão mal; E a situação sempre mais ou menos; Sempre uns com mais e outros com menos; A cidade não para, a cidade só cresce; O de cima sobe e o de baixo desce" (CHICO SCIENCE, 1994)

No início do século XX, Recife, continha em si uma ambição cosmopolita de uma cidade portuária monumental. Esse foi um período de grande agitação cultural e política. A cidade se anunciava aos que chegavam do alto de prédios asseados na Praça Rio branco - hoje chamada de Praça do Marco Zero -, localizada no estuário formado pelo Rio Capibaribe e Beberibe. A praça era protegida por um dique natural de formações rochosas de corais que ficavam à flor da água ou submersa no mar, os arrecifes, também dão origem ao nome da cidade, revelando a força da construção de um imaginário de cidade que se vê potência em suas águas. Entretanto, no espetáculo da praça Rio Branco é visível o peso de uma estética eurocêntrica - evolutiva e historicista da história -, monumental, com cinco, grandes e largas que se abrem em leque, limpas, retas... Um viajante desavisado pode se maravilhar ao ouvir as palavras que vem do alto desses prédios, que descrevem Recife como uma cidade



*“tecida na claridade (...) lendária e heróica cidade, plantada à beira-mar”*<sup>1</sup>. Nomes, símbolos e gestos que articulam disputas entre uma cidade que se constrói a partir de um discurso cheio de camadas, sobreposições, e nunca único, se fazendo ao mesmo tempo herói e maquinaria da modernidade (CERTEAU, 1994 [1980]).

Nesse ínterim, Recife vai recebendo seus nomes: “Veneza Pernambucana”, “Paris do Nordeste” ... Albert Camus, quando vai ao Recife em 1949, se maravilha com a cidade, e a chama de “Florença dos trópicos” (CAMUS, 2017 [1949]). Margareth Pereira, em “Corpos Escritos” (2000), nos chama a atenção para a historicidade que reside na construção de um imaginário regional a partir da “tentativa de impor a vista de forma fixa e intemporal o caráter monumental” presente em uma perspectiva de “Novo mundo” que não é neutra, nem deslocada no tempo. Esse fascínio monumentalizado que é experimentado no ato de representar e narrar Recife a partir de uma elevação das marcas de suas águas nos ajuda a compreender que há uma noção histórica de natureza presente no discurso que se aparta do corpo do homem. Essa natureza é narrada considerando certa distância, vista de cima, transfigurando os atores em meros observadores de um espetáculo monumental que sutilmente abafa gestos, manifestações e práticas cotidianas que acontecem no corpo-a-corpo da cidade, nas brechas - tanto no campo material, como no campo subjetivo.

Esse abafamento é evidente no período entre as décadas de 1920 e 1950, quando a cidade do Recife teve um grande aumento populacional em detrimento a dois acontecimentos marcantes que forçaram o povo do interior pernambucano a emigrar para essa capital monumental. O primeiro acontecimento foi a grande seca assolava o sertão nordestino, o que fez necessário muitas pessoas emigrarem a procura de água e comida. O segundo evento foi quando a monocultura da cana-de-açúcar encurrala o pequeno latifundiário, que tendo sua safra desvalorizada pelo monopólio da indústria, e junto com a seca, vê a necessidade de emigrar para a capital. A seca nesse período foi tão grande que foi até inspiração de canção. “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, sanfoneiro pernambucano, narra a tristeza que foi a seca para o povo sertanejo dizendo: “que braseiro, que fornalha, nenhum pé de plantação; por falta d’água perdi meu gado, morreu de sede meu alazão”. O cenário de morte, fome e miséria no sertão fez com que muitos sertanejos precisassem abandonar suas casas e sair à procura do menor sinal de água. A capital, Recife, que traz consigo uma herança aquática já em seu nome ressoa como uma promessa nesse momento de seca, como uma miragem que promete muito pelo nome. Entretanto, nesse período Recife vai se construindo pedra sobre pedra, aterro sobre aterro dificultando a vida do sertanejo que

---

<sup>1</sup> Trecho do “Hino do Recife”, instituído pela Lei Municipal nº 108, de 10 de junho de 1924.



procura água. É uma ironia, essa população recém chegada tem muita sede, e se encontra em uma cidade que também tem muita sede. Recife vai se tecendo com uma sede de - como diz seu hino - ser “tecida na claridade, plantada a beira mar”, bebendo de uma fonte que se apoiava em referências de uma cidade monumental. As grandes luzes ofuscam a visão, e o povo emigrante, sem emprego e moradia só havia uma maneira desse povo matar sua sede de vida, que era encontrar uma brecha entre as pontes maurícias e rios, ou seja, “cair no mangue” (CASTRO, 1967).

O mangue é esse espaço limiar na cidade do Recife que do início do século XX até os anos 70 é representado na mídia sob as lentes de uma política de higienização<sup>2</sup> que nos sinaliza a tentativa de uma cristalização do imaginário do mangue como lixo, miséria e pobreza. Entretanto, é em consequência desse mesmo imaginário que é possível um deslocamento de sentido na narrativa da cidade de Recife, feito por Josué de Castro, quando ele desvia das categorias pré-definidas e torna o mangue “paraíso” dos homens. Um paraíso atópico e fora do lugar que desnaturaliza a ideia de divino de um corpo natureza distante apartado do homem. Esse gesto destrutivo fica evidente quando Josué escreve que Recife seria um paraíso “sem o cor-de-rosa e o azul do paraíso celeste, mas com as cores negras da lama, paraíso dos caranguejos.” (CASTRO, 1965 [1933]).

Castro foi um pernambucano de muitas facetas, o que o ajudou a ter uma percepção que via através muitas coisas, ele foi: escritor, político, humanista, geógrafo, médico, sociólogo e poeta - e não menos importante, levava consigo uma nostalgia pela sua terra, no qual sofreu agudamente a falta quando precisou entrar em exílio, em 1964. Em sua obra, Castro, ao enfatizar a historicidade da relação particular do mangue com a cidade como importante indicador social, biológico amplia as possibilidades de ação e construção no território de forma subjetiva e material. Faço aqui um convite ao leitor para *entrever* uma outra Recife *através* de Josué de Castro.

Com o desejo de ampliar o repertório das narrativas de cidade que evocam mundos que desestabilizam o comum, e considerando a relevância das relações multiespecíficas no ambiente urbano, pretende-se entender como a análise da “sociedade do mangue” de Josué de Castro, e o movimento que sucedeu a mesma, o “movimento mangue”, idealizado por

---

<sup>2</sup> Em julho de 1939 o governador Agamenon Magalhães criou a “Liga social contra os mocambos”, com o objetivo de extinguir os mocambos — habitações miseráveis erguidas sobre palafitas em áreas alagadas de mangue — e de incentivar a construção de casas populares. Foi extinta em 1945, surgindo em seu lugar o Serviço Social contra o Mocambo. (Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-social-contra-o-mocambo> Acesso em: 24/05/2022)



Fred Zero Quatro e Chico Science, pode nos ajudar a desenvolver uma compreensão outra de produção de cidades. Suspeitar das fronteiras entre natureza e cidade através da imagem do “homem caranguejo” e do “mangueboy/girl” como figuras importantes para a construção de um forte senso identitário de cidade é um caminho para a descolonizar o pensamento e fazer tremas as estruturas congelantes. Em Castro, entende-se que natureza e cidade não são conceitos universais onde a cidade, a cultura, o homem, o caranguejo, o mangue, a lama e o rio são indicadores que, vão além de sua materialidade enfatizando os apagamentos e exclusões que fragmentam o urbano.

Recife não é só a “Veneza pernambucana” ou “Florença dos trópicos”, mas, uma cidade complexa, de muitas cores, sons, texturas e cheiros, que se misturam em um território movediço feito de “impressionantes esculturas de lama”, por rios labirínticos, e raízes flutuantes. Busca-se fomentar um debate atento a esses contrastes, as (des) continuidades e contradições que surgem da relação simbiótica entre esses indicadores. Estamos falando de levar a sério uma história dos corpos em relação com uma natureza encarnada - e não apartada do homem - na produção de sentidos do Recife, ou, como diz Fabiana Britto, desenvolver um “reconhecimento da cidade como um ambiente de existência do corpo, que tanto promove quanto está implicada nos processos interativos geradores de sentido implica reconhecê-la como fator de continuidade da própria corporalidade de seus habitantes” (BRITTO, 2008).

### **Sociedade do Mangue e Homens Caranguejos**

O que desapareceu nele foi a capacidade de ver - tanto à noite quanto sob a luz feroz dos projetores - aquilo que não havia desaparecido completamente e, sobretudo, *aquilo que aparece apesar de tudo*, como novidade reminiscente, como novidade “inocente”, no presente desta história detestável de cujo interior ele não sabia mais, daí em diante, se desvencilhar. (DIDI-HUBERMAN, 2011, *grifo nosso*)

Josué tinha uma percepção enviesada para o Recife se deu por sua trajetória de vida marcada por muitas idas, vindas e despedidas de Recife que o fizeram nutrir um sentimento de nostalgia forte por sua história relacionada com os mangues. Em 1929 Josué de Castro se formou em medicina, no Rio de Janeiro, voltando para o Recife apenas em 1933 para lecionar na faculdade de medicina. No documentário de Silvio Tendler, “Cidadão do mundo”<sup>3</sup> (1994), amigos de infância relatam que sempre que Josué retornava a Recife de suas viagens fazia questão de fazer um “roteiro sentimental” pelos bairros de afogados, pina, ilha

---

<sup>3</sup> Documentário “Cidadão do Mundo” (1994), dirigido por Silvio Tendler. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFzNV08KIKg> Acesso: maio/2022



do leite, santo amaro e Brasília teimosa, lugares banhados de lama, nos quais ele dizia que aprendeu mais do que na Sorbonne:

Esta é que foi a minha Sorbonne: A lama dos mangues do Recife fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. (CASTRO, 1967, p.12)

Josué continha em si um olhar caleidoscópico que se preocupava em *entre-ver*, ou transver, como disse Manoel de Barros, remontando uma história de uma Recife narrada a partir de uma realidade atópica que tensionava seus territórios materiais e simbólicos. Embora habituado aos espetáculos de fantasmagorias que foram moda nas cidades no início do século XX, nunca se acomodou, e guardou consigo em local de devida importância seus vestígios. Para entender esses vestígios, vamos nos ater em entrevê-los em dois livros de autoria de Josué de Castro nos quais ele foca em um caráter fabular de Recife que são o romance “Homens e Caranguejos” (1967) e nos vários contos presentes em “Documentário do Nordeste” (1965 [1933]), assim como nos meandros que esses dois livros criaram como documentários e vídeos poemas. É importante mencionar que, apesar do abafamento que a obra de Josué de Castro sofreu no período da ditadura militar, ele foi um humanista mundialmente conhecido, principalmente depois da publicação do “Geografia da fome” (1946), atuando como embaixador brasileiro ONU, indicado quatro vezes ao prêmio Nobel da paz, também recebeu o título de “cidadão do mundo”. Seu apagamento permaneceu ainda depois de morto, seus livros não tiveram muitas reedições, dificultando o acesso. Com a consciência que esses textos são vestígios de uma história anacrônica do Recife ele vão aparecer aqui como uma montagem que co-emerge a diversos tempos, se tensionando, a fim de tornar possível a construção de novas linguagens e sentidos que nos ajudem a pensar outros caminhos cidade que se fazem presente até hoje.

Entro nesse entrever Recife por Josué a partir do conto “Assistência Social”, presente em “Documentário do Nordeste” (1965[1933]). Onde ele narra a história de um médico (ele mesmo?) que é contratado por uma fábrica que não tem interesse em remediar seus funcionários, que estavam doentes de subnutrição e falta de alimento, mas que precisavam de um parecer de um médico. O curioso é que no mesmo período da publicação da escrita do conto, Josué de Castro trabalhou como médico em uma fábrica, que se queixava que seus trabalhadores eram vagabundos e preguiçosos, nos quais Josué diagnosticou como o sintoma de um problema muito maior que vem ser tem relevante em toda sua trajetória de vida: a fome. A problemática da fome é central para entender a dimensão e complexidade da relação do mangue, do com rio com a cidade, e da construção da cidade do Recife nessa parcela. É a partir desse problema que Josué começa a promover um atravessamento entre



diferentes campos disciplinares, como natureza e cultura, e também, quando ele entende que a fome além de uma questão social é um indicador territorial (CASTRO, 1946). A miséria e a fome já estavam presentes muito antes na vida de Josué, desde sai infância, quando ainda morava no bairro da madalena teve contato com as pessoas que viviam nos mocambos do lado de sua casa, nas quais mais tarde ele vem chamar de homens caranguejos.

O casarão no bairro da Madalena tinha uma frente para o rio Capibaribe, Josué diz que se criou “nos mangues lamacentos”, onde pode se perder nos meandros das histórias que os rios do Recife lhe contavam. Em “Homens e Caranguejos” (1967), título do romance que ele escreveu durante o exílio na França, ele narra os rios a partir de uma prosopopeia, como dois aventureiros impetuosos - Capibaribe e Beberibe -, que descem juntos do sertão pernambucano. Em sua narrativa os rios andam feito gente, por uma multiplicidade de territórios, ora mais secos, ora mais verdes. Uma narrativa que se forma pela ação de enunciação do corpo dos rios que parte da mistura de qualidades subjetivas e territoriais: os dois rios “se esfrangam pelos charcos” e “se deitam pelos remansos”, formam, “nessa boemia de suas águas, as ilhas, os canais, os mangues, os pauis, onde assenta esta saborosa cidade do Recife” (CASTRO, 1967). Apesar de nunca ter conseguido voltar do exílio, esses são vestígios de uma cidade da infância de Josué, “dom de seus rios”, que ele carregou durante toda sua vida, que se inscrevem e ganham forma como corpos escritos (PEREIRA, 2000) e corpografias (JACQUES; BRITTO, 2008) que expressam os arranjos e deslocamentos de sentidos na narrativa de sua obra. A prosopopeia não é à toa. Exilado, Josué não pensa Recife objetivamente, ele desenvolve uma narrativa, que aqui vamos nos apoiar no que Certeau diz que se assemelha a uma arte de dizer:

Não se trata de abordar uma realidade (...) e fazer do texto aceitável, legítimo, pelo “real” que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do real, ou melhor, ela finge escapar às circunstâncias presentes (...) e precisamente desta maneira, mais que descrever um golpe, ela o realiza (...) o discurso então produz efeitos, não objetos, é narração, não descrição. (CERTEAU, 1994)

Essa arte de dizer permite que Josué escreva uma história que desestabiliza os consensos, utopias e generalizações através de uma crítica que como um relâmpago cria uma dinâmica que ativa outras histórias. Entre os rios do Recife e a cidade há a potência de outro limiar: os mangues. Os mangues se aproximam do que Certeau chamou de “lugar praticado” (CERTEAU, 1994), ou do que Careri chamou de “meio-lugar” (CARERI, 2013), ou como Milton Santos falou, uma “rugosidade” e “opacidades” na cidade. Esses conceitos todos nos ajudam a pensar a cidade como um acúmulo de tempos e sobrevivências: “a rugosidade é vinco, conjunto de rugas, marcas, memórias” (RIBEIRO. 2012).



Muito antes de Recife ser alcunhada por tantos nomes, ela cria suas bases em um território formado por raízes flutuantes e labirintos de lama. Em Recife, os mangues sofrem um esvaziamento de seu caráter de lugar, não são nem rio, nem cidade, mas que é presente como ausência, em variados tons, cores, discursos, imagens e narrativas. A memória inscrita no mangue passa a fazer parte dessa “interioridade” de cidade, do presente, fugindo das demarcações espaciais pautadas pelo benefício econômico. Josué de Castro se atém na relevância desse bioma a partir de uma perspectiva fundadora da cidade do Recife, que trás o faz “construir cidade” para um campo de abstração que afeta o real:

Não há, pois, a menor dúvida, que tôda esta terra que hoje flutua à flor das águas, na baía entulhada do Recife foi uma criação dos mangues. Os mangues vieram com os rios, e com os materiais por êstes trazidos foram os mangues laboriosamente construindo seu próprio solo, batendo-se em luta constante contra o mar. (CASTRO, 1967, p.15)

Aqui ele usa novamente uma prosopopeia que dá importância ao mangue retirando seu sentido de coisa e estabelecendo um novo estatuto do mangue não só como ecossistema biológico ou zona ambiental na cidade, mas como corpo ativo na construção de um imaginário sociocultural. Essa figura de linguagem esconde uma imagem de pensamento que cria um espaço de ficção que aparenta se subtrair a conjuntura, mas que articula um golpe invisível. A surpresa instaurada propõe a construção de uma cidade por um corpo que não é uno, é uma sociedade inteira: a sociedade dos mangues, ou sociedade dos caranguejos.

Josué em todo seu texto não deixa seu lado de sociólogo de lado, mas ainda assim, seus atravessamentos como muitos outros permite que o romance desenvolva uma poética que faz uma descontextualização que expande o repertório da cidade nesse entrever/transver Recife por diversas camadas e direções. Recife de Josué, se constrói em um terreno que não é nem terroso, nem aquoso, mas anfíbia, que tem suas raízes fincadas em uma “mistura incerta de terra e água”. Essa sociedade anfíbia resgata de Recife suas águas soterradas e mata a sede dos que precisam: o mangue é uma mãe, que nutre, cria e alimenta. Josué busca no mangue um mundo escondido, que vai criando uma cidade com senso estético próprio: que absorve e anula os efeitos dos contrastes que apartam as diferenças. Podemos até brincar com o jogo de nomes, e se perguntar se “Recife” se chamasse “Mangue” se os consensos seriam os mesmos, ou se a potência do mangue ganharia mais importância na história urbana consensual. Apesar disso, os “recifes” são irmãos de mesma mãe dos “mangues”, e é nessa zona difusa que começa a se desenvolver uma cidade irmã, cidade “Mangue”, onde os “Homens Caranguejos”, título do romance, habitam. Ficção da vida real, Josué expõe a realidade de uma das muitas cidades do Recife, a cidade onde habitam os



homens caranguejos.

Seres anfíbios - habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama. Seres humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. (JOSUÉ DE CASTRO, 1967, p.16)

Mas não romantizemos a questão, o imaginário de lixo do mangue ainda é forte, e homem caranguejo, nem é de todo gente, o que faz persistir ainda uma precarização no campo da vida de quem vive do mangue. Esses homens se fazem corpo de carne de caranguejo em sua nutrição, com uma alimentação que é basicamente farinha e caranguejo. Os detritos desse homem voltam para o mangue e alimentam e nutrem os próprios caranguejos, em uma simbiose que caranguejo vira homem, homem caranguejo, onde a voz que orienta é a voz da maré. O mangue de Josué de Castro nos ensina que nenhuma destruição é absoluta e que a vida também reside no improvável - ou no que era visto como lixo. Os homens caranguejos são como os vaga-lumes de Manoel de Barros que se assemelham tanto aos de Didi Huberman, uma vida inquieta, luminescente, fraca, no sentido comum da palavra, mas que nos faz suspeitar de que tem algo que pulsa apesar das “grandes luzes” (HUBERMAN, 2012). Eles revelam um agenciamento onde as dicotomias de natureza e cultura ficam turvas - o homem caranguejo (cultura) se mistura com o mangue (natureza) como meio de resistir as luzes maiores que ofuscam os vaga-lumes. Nesse sentido, vale até falar dos homens caranguejos como *caranguejomens*<sup>4</sup>, tudo junto, de forma que a noção de natureza é sutilmente desnaturalizada. A hipótese é que esse ambiente difuso e simbiótico do mangue em tensão com o homem cria uma condição propícia para a produção de um outro regime de interação de corpos, que encontra nas frestas espaço para fazer seus vestígios sobreviverem.

Em “Documentário do Nordeste” (1965[1933]), Castro escreveu o conto “Cidade”, ele já elabora essa narrativa de uma cidade recife simbiótica que se descobre “reflexo confuso da fusão violenta de várias expressões culturais”. No conto “Ciclo do caranguejo”, ele deixa claro um pensamento que desloca a interpretação das relações entre os seres vivos e a cidade, entre natureza e cultura a partir do mangue, dos sertões e das periferias das cidades.

Os mangues do Capibaribe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita

---

<sup>4</sup> Em 1969, Jamilson Prazeres lança curta metragem “Caranguejomem” no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=029151&format=detailed.pft> Acesso em: 26 de maio de 2022



pro homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente pro caranguejo. Tudo aí, é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. (JOSUÉ DE CASTRO, 1965[1933], p.24)

“(...) o povo daí vive de pegar caranguejos, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. (...) O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez.” (JOSUÉ DE CASTRO, 1965[1933], p.24)

Potencializar a existência do manguezal, dos homens caranguejos e da “sociedade do mangue” parte de um esforço investigativo de narrativas que compõem ritmos e formas que permitem re-territorializar o homem e o caranguejo de forma a desestabilizar os consensos. “O homem se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de caranguejo; mas o caranguejo se re-territorializa sobre esta imagem. O caranguejo se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma parte do homem”<sup>5</sup> (DELEUZE, 1994 [1985]). João Cabral de Melo Neto também contribui para esse pensamento simbiótico presente na sociedade do mangue em “O Cão sem Plumaz”:

Na paisagem do rio / difícil é saber / onde começa o rio; / onde a lama / começa do rio; / onde a terra / começa da lama; / onde o homem, / onde a pele / começa da lama; / onde começa o homem / naquele homem (CABRAL DE MELO NETO, 2007).

A “sociedade do mangue” de Josué, apesar de preceder muito a Chthulucene de Donna Haraway<sup>6</sup>, já considerava uma relação simbiótica de coabitação interdependente entre natureza e cultura, entre mangue e homem. Para ele, o mundo circundante que envolve Recife, “com seus acidentes geográficos e sua atmosfera sempre em vibração” é o que dá

---

<sup>5</sup> Deleuze, em Mil Platôs, no seu texto sobre Rizomas, faz uma analogia de uma orquídea com uma vespa, e da troca relacional entre os dois corpos, uma captura o código do outro, e se recria a partir do outro. Aqui eu tomo liberdade de fazer uma brincadeira com o que é proposto pelos mesmos, usando como elementos de tensão o homem e o caranguejo de Josué de Castro, considerando que tanto o caranguejo, como o homem - nessa específica relação - se significam, re significam através um do outro. (DELEUZE, 1994 [1985])

<sup>6</sup> Donna Haraway elabora uma crítica a teoria evolutiva, através de uma “revolução involucionária” que sugere a necessidade de observar como a história vem sendo narrada - tanto pelas artes, quanto pelas ciências e pela política de forma transversal e simbiótica. O que ela sugere pode ser descrito por vários termos: simpoiese, um conhecimento histórico situado, uma performance cosmológica, mundos da arte da ciência, e todas outras contaminações convocadas por essas palavras. Para isso, ela cria uma ficção, o “Chthulucene”, uma espacialidade/temporalidade de potência que não se fecha em si mesma, um sistema aberto de relações, uma encruzilhada, onde os modos de pensar/fazer/narrar se atravessam em uma relação de interdependência que onde mundos diversos e férteis não só coabitam, mas também se relacionam.



sentido e personalidade a Recife. As corporalidades se constroem, tanto socialmente, como historicamente, em uma simbiose com todo esse ecossistema fértil que é o mangue:

Os mangues iam, assim, se apoderando da vida de toda aquela gente numa posse lenta, tenaz, definitiva. Estas estranhas plantas que, em eras geológicas passadas, se tinham apoderado de toda essa área de terra - esta fossa pantanosa onde hoje assenta a cidade do Recife - estendia agora sua posse também aos seus habitantes. E tudo nesta região passava a pertencer ao mangue conquistador e dominador: tanto a terra como o homem. (JOSUÉ DE CASTRO, 1967, p.13)

O mangue se reivindica, se entranha, rompe com as fronteiras com suas raízes labirínticas e pneumatóforas. Decompõe por inteiro, para então se compor outra coisa - e neste trabalho, ele se entranha em escrita e em método, assim como, na escolha das formas representativas não necessariamente seguindo padrões acadêmicos esperados. O mangue, assim como esse trabalho, e sua escrita, anda pelos limiares desviando fluxos e conjugando desterritorializações, sem início, nem fim, adquirindo velocidade no intermezzo, e transbordando pelas fronteiras.

### **“Rios, pontes e overdrives, impressionantes esculturas de lama!”<sup>7</sup>**

Josué de Castro sem saber alçava combustível para um pensamento que veio insurgir como manifestação cultural mais tarde nos anos 90. O manguebeat, também conhecido como “movimento mangue”, começou como uma brincadeira de amigos, fruto de encontros de Chico Science, Fred Zero Quatro e outros em uma antiga soparia, de Roger de Renoir, na Rua da Moeda. Chico era vocalista da banda Nação Zumbi, e Fred da banda Mundo Livre S/A, e diferente da obra de Castro, que foi abafada pela ditadura militar, o movimento manguebeat abre espaço na cena cultural musical de Pernambuco e do Brasil para o resgate dos “vaga-lumes” do mangue, como expressão de resistência, usando da música para compor as ausências abafadas de uma cidade.

Em 1992, Fred Zero Quatro, lança o “Manifesto dos Caranguejos com Cérebro”, que foi impresso no encarte do disco “Da lama ao caos”, da Nação Zumbi em 1994. O manifesto nasce como um vestígio, fazendo uma referência direta à obra de Castro, primeiro a partir de seu nome, “caranguejos com cérebro”, que se relaciona com os “homens caranguejos”, relacionando características humanas com a figura do caranguejo, e segundo pela presença de uma cidade encarnada no mangue como construtor de uma corporalidade que aqui vamos chamar de cidade-mangue. Se trata de, como Fabiana nos chama atenção de uma

---

<sup>7</sup> Trecho da música “Da Lama Ao Caos”, lançada no disco “Da lama ao caos” da banda Nação Zumbi, com letra de Chico Science em 1994.



configuração mútua de corpo e cidade (JACQUES; BRITTO, 2012), e que sinaliza para nós que o corpo é lugar de inscrição de uma memória viva (PEREIRA, 2000).

Mas que cidade é essa? O que mudou desde a sociedade dos caranguejos de Josué de Castro? O manifesto resgata o cidadão híbrido, do mundo, que se desloca em diálogo com uma zona difusa, tensionando dicotomias como lama e o caos; mangue e cidade. Carregando de pluralismos, o manifesto desestabiliza os consensos e é dividido em três partes: Mangue, o conceito; Manguetown, a cidade; Mangue, a cena. Na primeira parte do manifesto o mangue é narrado através de um resgate da qualidade de fertilidade do mangue como espaço de criação e de nascimento de diversas espécies. O tensionamento com a cidade acontece a partir da segunda parte – Manguetown, a cidade –, que consiste em revisar a crítica de Josué de Castro através de uma narrativa irônica que põe em disputa a *metrópole* com os mangues como fica claro na segunda parte do manifesto:

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade \*maurícia\* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais; Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de \*progresso\*, que elevou a cidade ao posto de \*metrópole\* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade; Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da *metrópole* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano. (FRED ZERO QUATRO, 1992)

Em sua terceira e última parte o manifesto expõe uma Recife doente, com as veias obstruídas, através de uma narrativa crítica e ousada que utilizava de imagens e metáforas para denunciar a urgência em movimentar a cidade: “Um choque rápido ou o Recife morre de infarto”, “O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários“. Não por acaso, no mesmo período a cidade vivia uma baixa produção cultural. A solução apontada por Zero Quatro foi “injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife“. A imagem da lama sendo alimentada por energia seria, para o movimento mangue, seria o ponto de inflexão que alavanca uma série de produções artísticas e culturais que desestabilizavam os consensos.

O movimento mangue se apropria da imagem do mangue como berçário de ritmos, sons, texturas, sabores, cheiros, e uma série de indicadores que nos remetem a Recife “cidade” que foi narrada por Josué de Castro. O objetivo é “colapsar” os consensos com essa imagem e conectar “as boas vibrações do mangue” com o mundo, usando como imagem símbolo uma antena parabólica enfiada na lama. A imagem que símbolo carrega é o próprio



manifesto, ousada, malandra como caranguejo que saiu da lama para o asfalto, nos mostra que a relação entre natureza e cultura, mangue e cidade, a lama e a antena parabólica pode ser pensada como um engajamento social.

O manifesto se conclui na terceira parte “Mangue, a cena”, expondo a urgência da questão, que se antes era agudo, agora se trata de um problema crônico e inacabado quando diz O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. Da miséria e fome dos homens caranguejos de Josué de Castro aos caranguejos com cérebro de Fred e Chico, até a atualidade, é possível perceber uma mudança no imaginário e em como a cidade se relaciona com o mangue, mas a cidade-mangue ainda se encontra em uma zona limítrofe.

Hoje, 30 anos após o lançamento do manifesto, o poder municipal se esforça em positivar a imagem do mangue na cidade desenvolvendo políticas de proteção ambiental<sup>8</sup> e projetos de integração com o rio<sup>9</sup>. Apesar da concordância em afirmar a presença do mangue na cidade, há um embate em como o projeto vem sendo executado com a proteção ambiental. À exemplo da execução do Parque Capibaribe, em que houve um desmatamento<sup>10</sup> de uma área de mangue maior do que o previsto, denunciando a fragilidade e desatenção a complexidade das questões que surgem da relação muito particular entre o mangue e a cidade, no Recife. A questão é que ainda há um fundamentalismo, no caso aqui, ambiental, entranhado nos nossos modos de fazer cidade que “respingam” na parte de execução dessas ações. Por isso, se faz necessário dar profundidade histórica, social e biológica a essa relação para não cair no conto progressista da metrópole. É um processo de investigação na área de gestão, que mora principalmente naquilo que não é possível tocar, nem ver, mas está tanto no território, como na memória, nas histórias, nas ausências, nos vestígios, nas práticas cotidianas, nas questões que emergem da lama, de seus habitantes

---

<sup>8</sup> A partir do governo de Gustavo Krause em Pernambuco, do partido PDS, que em 1986 foi responsável por sancionar a Lei N° 9.931/86, que define como áreas de proteção ambiental (APAs). As APAs têm como objetivo “proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação do solo, preservar paisagens notáveis e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais”. As áreas estuarinas (zonas de mangue) do Estado de Pernambuco fazem parte das, atualmente, mais de 20 APAs. Disponível em: <http://www2.cprh.pe.gov.br/fauna-e-flora/unidades-de-conservacao/uso-sustentavel/area-de-protecao-ambiental/> Acesso em: maio/2022

<sup>9</sup> O Projeto do Parque Capibaribe, desenvolvido pelo I Prefeitura da Cidade do Recife (PCR), através da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente, e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), intenta revolucionar “a forma como as pessoas vivem o Recife ao reconectá-las com as águas do rio Capibaribe, resgatando a bacia hidrográfica como espinha dorsal da cidade através de áreas de lazer, descanso e bem estar”. O projeto prevê 30km de extensão de parque ao longo do rio, favorecendo um total de 44 bairros, com o objetivo de integrar a comunidade com o rio.

<sup>10</sup> MPPE investiga desmatamento de área verde na construção do Parque das Graças, no Recife. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/04/12081596-mppe-investigacao-desmatamento-de-area-verde-na-construcao-do-parque-das-gracas-no-recife.html> Acesso em: julho/2022



– humanos, ou não.

Em suas canções Chico denuncia a fragilidade dessa metrópole que nega suas ausências incorporando o passado através de um grito afirmativo que parte de uma visão atenta a experiências de cidade aparentemente contraditórias, mas que juntas, como arte, são uma potência de uma alteridade outra: a experiência do mangue em simbiose com o caos da cidade. Na abertura do “Da lama ao caos”, Chico Science fala que “modernizar o passado é uma evolução musical”, a música, assim como a poesia, tem um cadenciamento pulsante que se desloca por rugosidades, colocando em questão a forma como a sociedade se relaciona com seu cotidiano, logo, com a cidade. A importância da movimentação afirmativa do movimento mangue.

O manguebeat tenciona isso e diz: Recife, cidade do mangue, “dos rios, pontes e overdrives”, onde “impressionantes esculturas de lama” são insurreição; onde os homens-caranguejos precisam morar em “um bairro sujo”<sup>11</sup> onde seu quintal é manguetown. Através de diversas metáforas as músicas que se relacionam com o movimento mangue narram uma Recife de temperamento forte e corporalidades pulsantes. A cidade-mangue vive, e vive principalmente na voz dos “homens caranguejos” de hoje, a exemplo de Kcal Gomes, poeta e “traficante de livros”, como o mesmo de denomina, morador da comunidade do Bode, uma das comunidades ribeirinhas ainda existentes, idealizou em 1995 a “Livroteca Brincante do Pina”, segue até hoje. A Livroteca tem como foco o incentivo a leitura e integração artística para crianças da comunidade, dando complexidade social e aproximando a relação das crianças com o território que elas pertencem – o rio, o mangue e a cidade -, a Livroteca se faz assim um espaço de produção de memória e relações outras. Esse é apenas um exemplo de uma iniciativa que nasceu nas frestas de uma comunidade, contando até com reconhecimento nacional, mas que ainda assim precisa resistir para existir por falta de incentivo municipal.

O debate é extenso, e dito isto é evidente como tanto a sociedade do mangue de Josué de Castro, assim como seu eco no movimento manguebeat marcam a experiência urbana atual nos ajuda a repensar a cidade sob outros termos e recuperar valores culturais, memórias e alternativas para que a vida possa fruir de forma mais digna. Cidade-mangue e homens caranguejo nos ajudam a reimaginar nossos corpos e a compreender a complexidade de processos urbanos contemporâneos, nos mostrando que o que pensamos ser natureza

---

<sup>11</sup> Trecho da música “Manguetown”, lançada no disco “Da lama ao caos” da banda Nação Zumbi, com letra de Chico Science em 1994.



também é um processo histórico e social passível a articulações múltiplas. É possível reinventar as cidades.

## Referências

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya. 2010.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS, Albert. **Diário de viagem / Albert Camus; tradução Valerie Rumjanek. – 1. ed.** Rio de Janeiro: Record, 2019.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gili, 2013

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. 10 Ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé, 1980.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste. 3ª ed.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. “Rizoma” in **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márica Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana. **Cenografias e Corpografia Urbanas: um diálogo sobre as relações entre o corpo e cidade** in Cadernos PPG-AU/UFBA Vol. 7, edição especial - Paisagens do Corpo. SALVADOR: EDUFBA. 2008

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana. **Corpo & Cidade: Coimplicações em processo** in Revista UFMG, v.19, n.1 e 2, p. 142-155. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

PEREIRA, Margareth da Silva. **Corpos escritos, paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca** in Revista do programa de pós-graduação em artes visuais. Rio de Janeiro: EBA, UFRJ, 2000.



PEREIRA, Margareth da Silva. **Dos conceitos de cidade ou pequeno manifesto em favor de objetos múltiplos, indecisos e fluídos**. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo X. Recife: MDU/UFPE, 2008.

PEREIRA, Margareth da Silva. **Pensar por nebulosas** in Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira (org.). – Salvador: EDUFBA, 2018.

PEREIRA, Margareth da Silva. **Narrar por transversalidades I** in Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo III – modos de narrar / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira (organizadoras). – Salvador: EDUFBA, 2021.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades** in Redobra, n. 9, p. 58-71. Salvador: EDUFBA, 2012.

